



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Centro de Informação Científica e Tecnológica
Vice Diretoria de Ensino
Coordenação CEICTS

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA EM SAÚDE

COMPETÊNCIA INFORMACIONAL EM SAÚDE: A EDUCAÇÃO COMO PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO

por

CRISTINA SAMPAIO VIEIRA

UniverCidade – Unidade Mêtro Praça Onze

Orientador (es): Dra. Maria Cristina Guimarães,

Rio de Janeiro 20 de novembro de 2006.



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



CICT
Centro de Informação Científica e Tecnológica
Vice Diretoria de Ensino
Coordenação CEICTS

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA EM SAÚDE

COMPETÊNCIA INFORMACIONAL EM SAÚDE: A EDUCAÇÃO COMO PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO

por

CRISTINA SAMPAIO VIEIRA

UniverCidade – Unidade Métrô Praça Onze

Projeto de pesquisa apresentado ao Centro de Informação científica e Tecnológica da Fundação Oswaldo Cruz como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Informação Científica e Tecnológica em Saúde

Orientador (es): Maria Cristina Guimarães,

Rio de Janeiro, 20 de novembro de 2006

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. OBJETIVOS	7
2.1. Objetivo Geral	7
2.2. Objetivo Específico.....	7
3. O CONCEITO DA COMPETÊNCIA À COMPETÊNCIA INFORMACIONAL.....	8
4. O CONTEXTO DO APRENDIZADO: A UNIVERSIDADE E AS BIBLIOTECAS....	11
5. METODOLOGIA	20
6. RESULTADOS ESPERADOS.....	265
7. CRONOGRAMA.....	26
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	27
ANEXOS	30

1. INTRODUÇÃO

As últimas décadas do século XX deram início a grandes mudanças nos campos sócio-econômico, político e cultural das nações, alimentadas principalmente pelos avanços extraordinários, e quiçá antes impensados, da ciência e tecnologia. Especialmente alimentadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), alcançou-se o estágio de globalização capitalista da economia, e o insumo de maior valia na sociedade contemporânea é o conhecimento. Como insumo ou matéria-prima, o conhecimento coloca-se como fonte geradora de riqueza e desenvolvimento, em um processo recorrente de produção de novo conhecimento. É nesse sentido que se toma a sociedade atual como sociedade do conhecimento.

Um pilar fundamental sustenta a sociedade do conhecimento – a educação. Isto porque, a despeito da globalização e da abundância de informação disponível para geração de novos conhecimentos, está centrado no elemento humano a capacidade e habilidade de produzir novos conhecimentos e de colocá-los a serviço da sociedade. A desigualdade, a divisão, a exclusão são realidades com que se convive a despeito da globalização. Não basta quantidade de qualidade incerta e de uso desnecessário – o desafio para os países e as sociedades é como ir além das tecnologias e formar cidadãos não só “informados”, mas com capacidade para uso efetivo da informação e de geração e aplicação de conhecimento. Competência é a palavra-chave; competência informacional é o tema do presente projeto.

Uma vasta literatura cobre a temática sobre competência informacional, e os estudiosos apontam para a polissemia conceitual do conceito, e questionam sua ligação intrínseca, na atualidade, com as TICs. Ou seja, seria um conceito que em muito antecede, ainda que tenha se maximizado, com as tecnologias e a abundância de informação promovida pela Internet. Da mesma forma, as origens das discussões remetem tanto à biblioteconomia quanto às políticas de educação. Ambas as origens se somam para formar um conceito que busca enfatizar a importância central da capacidade não só de localizar e saber fazer uso da informação, mas antes, de reconhecer uma necessidade de informação para guiar uma ação/intervenção eficaz e eficiente no mundo vivido. Nesse sentido, a competência informacional é um pré-requisito para a cidadania participativa, para inclusão social, para empoderamento pessoal, vocacional e organizacional, enfim, para um aprendizado

contínuo. Outros estudiosos vão adiante, e apontam que a competência informacional é também pré-requisito para a sobrevivência em tempos futuros, sujeita que a sociedade está, cada vez mais, aos desastres naturais, à insustentabilidade do meio ambiente, e aos riscos de saúde pública, como Aids, SARS e gripe aviária.

Tomar a competência informacional como fonte de aprendizado de vida, e situar seu contexto de formação principalmente na educação, coloca um desafio adicional para a escola, principalmente para a universidade. Embora nos países desenvolvidos os programas de competência informacional estejam sendo discutidos e implantados desde o ensino fundamental, a universidade é tida como espaço privilegiado para formação de recursos humanos com habilidades específicas para atuar na “sociedade do conhecimento”, que requer o acesso e aplicação de conhecimentos complexos e especializados, junto com tecnologias de ponta e sistemas de informação com conteúdos interdisciplinares. A formação acadêmica é então esperada estimular nos alunos a habilidade e a inclinação pela pesquisa, um pensar crítico e a importância do aprendizado contínuo. No pré-escolar, a pesquisa se apresenta como princípio educativo (questionar e construir alternativas). A partir da graduação à pós-graduação, a pesquisa apresenta-se como princípio científico. Pesquisa, tanto como princípio educativo ou científico, exige profunda competência. (DEMO, 2005).

Isso implica pensar não só na universidade como produtora de profissionais competentes a atuar em um mercado de trabalho cada vez mais competitivo e especializado, mas também e principalmente como formadora de cidadãos, capazes de apreender o global e atuar no local, agindo em favor da inclusão, da participação e do exercício ativo da cidadania. Nesse sentido, para Demo (2004), a universidade deve entender que a pesquisa significa diálogo crítico e criativo com a realidade, que culmina na elaboração própria e na capacidade de intervenção dos sujeitos. A pesquisa faz parte de todo processo educativo e é, fundamentalmente, emancipatória. Emancipação como processo histórico de conquista e exercício da qualidade de ator consciente e produtivo.

Tomando como referência uma experiência piloto em curso na Escola de Saúde e do Desporto, especificamente no Curso de Fisioterapia do Centro Universitário do Rio de Janeiro, conhecida como UniverCidade, antiga Faculdade da Cidade, onde a presente

autora atua como bibliotecária e na orientação de alunos em trabalho de conclusão de curso, o presente projeto tem como meta a sistematização metodológica de um programa de competência informacional. Associando um papel de pioneirismo da UniverCidade, que aposta e investe na educação e aprendizagem continuadas, e uma postura proativa da Diretoria do Sistema de Bibliotecas, a instituição busca prover um ambiente criativo e questionador para o relacionamento do estudante com o mundo do conhecimento, e sabe ter chegado o momento propício para, mais uma vez, se renovar e inovar, apostando na capacidade e competência do profissional da informação, do bibliotecário, para conduzir uma proposta de implantação de competência informacional.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral:

→ Propor um desenho metodológico para um Programa Competência Informacional em Ciências da Saúde na UniverCidade.

2.2. Objetivos Específicos:

→ Sistematizar e formalizar o programa de orientação informacional oferecido aos estudantes da disciplina TCC do Curso de Fisioterapia da Univercidade;

→ À luz das experiências de sucesso de programas de competência informacional na graduação descritas na literatura da área, rever o programa de orientação informacional em curso na biblioteca;

→ Propor uma abordagem metodológica de competência informacional com vistas a permitir que o aluno possa, para além do domínio dos instrumentos clássicos de acesso e uso da informação, contextualizar a mesma, vivenciando sua importância na vida acadêmica e profissional.

3. O CONCEITO DA COMPETÊNCIA A COMPETÊNCIA INFORMACIONAL

A evolução histórica da “abordagem das competências” mostra o resultado de um novo modelo de gestão e de reconhecimento dos conhecimentos adquiridos pelas situações de trabalho, revelando a extensão das transformações do trabalho nos últimos vinte anos do século XX.

Foram percorridos quatro períodos diferentes na evolução do assunto (MIRANDA, 2004):

1970 – O aparecimento da palavra competência, ausente do vocabulário da época foi marcado pelas inversões de valores no modelo de trabalho vigente: autonomia, expressão individual e responsabilidade.

1980 – A temática da competência trouxe uma noção fundamental: a delegação de responsabilidade. Definição e prática se associam ao posto de trabalho.

1990 – Época de institucionalizar e racionalizar conceitos, onde as transformações no mundo do trabalho traziam equilíbrio entre a gestão das qualificações e o reconhecimento das competências. As primeiras pesquisas e métodos foram idealizados e realizados.

Final da década dos anos noventa – Fase de validação e desconexão entre qualificação (para o emprego) e a competência. A competência entra no contexto da gestão de recursos humanos e se informatiza, tomando lugar dentro do debate social.

A competência é uma forma de qualificação, mas não aquela imposta pelo posto de trabalho, e sim de uma nova maneira que se pode chamar de “a construção da qualificação”, substituindo os dois modelos anteriores: o modelo de profissão e o modelo de posto de trabalho (emprego). O uso da noção de competência surgiu quando as empresas tiveram necessidade de reconhecer as competências das pessoas independentemente do posto de trabalho que elas ocupavam. De forma clara, essa mudança expressa também um novo modelo de dinâmica de crescimento do conhecimento científico e tecnológico, interdisciplinar e complexo, que rompe limites clássicos de áreas de atuação,

e a massiva introdução das tecnologias de informação e comunicação (TICs) – novas habilidades e competências passaram a ser demandadas dos profissionais.

Alguns autores definem competência como o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes, correlacionadas, que afeta parte considerável da atividade do sujeito; relaciona-se com o desempenho, pode ser medido segundo padrões preestabelecidos e pode ser melhorado por meio de treinamento e desenvolvimento. (MIRANDA, 2004 *apud* BARRETO, 2005).

Barreto (2005) e Miranda (2004) utilizam maneiras semelhantes para classificar os tipos de competências:

→ Competências Técnicas: desenvolvidas pelos processos e métodos de aprendizagem, com utilização e aplicação de ferramentas e operações de equipamentos;

→ Competências Conceituais: exigidas para os trabalhos de análise e resolução de problemas. Estas competências são individuais, presentes na interação sujeito/trabalho, formando o conjunto de competências organizacionais ao qual se denomina capital intelectual, a somatória do capital de saberes particular de cada sujeito, mais o do cliente que diz respeito aos contatos e a credibilidade da empresa e, mais ainda, do capital estrutural, o total de conhecimentos retido no interior da organização e se relaciona com o acúmulo de sua experiência;

→ Competência Interpessoal, Comunicacional ou Relacional: capacidade de cooperar e trabalhar em equipe e de conviver com os outros. Estas competências são expressas pelas atitudes que favorecem o melhor relacionamento entre as pessoas, gerando o compartilhamento de tarefas, mas principalmente produzindo melhores ações no convívio entre as pessoas.

Outros autores diferenciam os tipos de competências por níveis, como: organizacionais, individuais, competência-chave, coletiva e de fundo. (ZARIFIAN, 2001).

No âmbito da sociedade da informação, e de forma corrente, competência informacional é definida como a capacidade de acessar, avaliar e fazer uso de informação oriunda de diferentes fontes. Implícita nesta definição está à habilidade prévia de identificar fontes de informação, e a capacidade de julgar a autoridade e confiabilidade das mesmas¹.

Autores como Doyle (1996), em lugar de definir competência informacional, preferem conceituar um “sujeito competente em informação” como àquele que:

- Reconhece uma necessidade de informação;
- Reconhece que informação acurada e completa é a base para tomada de decisão inteligente;
- Formula questões fundadas na necessidade de informação;
- Identifica fontes potenciais de informação;
- Possui a habilidade de desenvolver estratégias de busca de informação;
- Acessa informação fontes impressas e baseadas em tecnologias;
- Avalia informação (reconhece autoridade e relevância) e, fundamentalmente, faz uso de informação para análise crítica e resolução de problema.

Sem qualquer dúvida, essa definição de “sujeito competente” pode ser considerada como uma necessidade para um sujeito ativo, cidadão e autônomo na sociedade da informação, uma sociedade onde a quantidade de informação disponível é de tal ordem que chega a provocar paralisia em lugar da ação, e onde o território livre da Internet passa a requerer uma atitude crítica e vigilante por sobre os conteúdos e seus autores. O que o mundo contemporâneo pede, ou exige, do sujeito é uma atitude de aprendizagem constante, algo que começa na universidade, e que a partir de lá deve ter sustentabilidade.

¹ AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION – ALA, 2006 ; KUHALTHAN, 1989.

4. O CONTEXTO DO APRENDIZADO: A UNIVERSIDADE E AS BIBLIOTECAS

A Universidade é uma instituição voltada para o atendimento da sociedade em geral e, dentro desta perspectiva, visa capacitar pessoas, incentivar a produção e o registro do conhecimento e apoiar o desenvolvimento de pesquisas e atividades de extensão.² Essa definição clássica encontra-se, especialmente na última década, no centro de uma grande discussão entre especialistas de várias áreas do conhecimento – a quem serve a universidade? Para alguns, ela deve preparar para o mundo do trabalho, atendendo a uma lógica capitalista e alienante. Para outros, ao contrário, deve preparar para a vida e para uma sociedade em mutação constante, quando o que se aprende hoje já está obsoleto amanhã. Assim, caberia, em lugar de aprender conteúdos, aprender atitudes, propícias a uma renovação constante. O debate é caloroso e os argumentos defensáveis de ambos os lados³.

Dentro deste contexto, Morin (2004) define a educação como a utilização de meios que permitam assegurar a formação e o desenvolvimento de um ser humano. “O Ensino” é a arte ou ação de transmitir os conhecimentos a um aluno, de modo que ele os compreenda e assimile. Ensino educativo tem como missão transmitir não mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre. A universidade deve formar “cabeças bem-feitas”:

... uma “cabeça bem cheia” é uma cabeça onde o saber é acumulado, empilhado, e não dispõe de um princípio de seleção e organização que lhe dê sentido. Uma “cabeça bem feita” significa que, em vez de acumular o saber, é mais importante dispor ao mesmo tempo de: uma aptidão geral para colocar e tratar os problemas, princípios organizadores que permitam *ligar os saberes* e lhes dar sentido” [grifo adicionado]. (MORIN, 2004, p. 21).

A habilidade para ligar saberes pressupõe um reconhecimento de temas e problemas que só se descortinam com um pensar sistêmico e crítico por sobre as informações disponíveis.

² Este conceito foi extraído do *site* da UniverCidade (www.univercidade.br).

³ CASTRO, 2005; CHAUI, 2001; DEMO, 2005.

Esse é o desafio adicional que se coloca por sobre a formação universitária, fundada e reprodutora de saberes disciplinares, divididos e separados, para enfrentar um mundo que é complexo, e onde o conhecimento efetivo e eficaz encontra suas melhores respostas em abordagens inter- e transdisciplinares. Como, e se, as universidades estão respondendo a esse desafio, é tema de inúmeros debates, no Brasil e em países desenvolvidos e em desenvolvimento.

De acordo com Demo (2004, p.129):

... na universidade não pode haver grupos separados de pesquisadores, de docentes, de extensionistas [...] Isto não impede que alguém se dedique apenas à pesquisa como princípio científico, mas exige que toda profissionalização conserve pelo menos pesquisa como princípio educativo, com capacidade de questionar, de reciclar, de continuar aprendendo a aprender.

A favor e a serviço da competência informacional sempre estiveram as bibliotecas e os profissionais de informação. Uma vasta literatura dá conta do compromisso e responsabilidade do(a)s bibliotecário(a)s que trabalham em universidades no treinamento dos estudantes no mundo da informação. A mesma literatura, entretanto, aponta que, na responsabilidade atual das universidades, o treinamento de fontes e acesso a sistemas e bancos de dados não é suficiente, dado que a competência informacional que se espera estimular é uma que atue em favor da visão crítica, da necessidade de informação que vá além do recorte disciplinar e que estimule um aprendizado contínuo.

O que se defende, então, é uma interação e cooperação constante entre o aprendizado de um conteúdo disciplinar discutido nas várias disciplinas, junto com um aprendizado e vivência dos mesmos temas no mundo do conhecimento codificado, ou seja, nos repositórios de informação. Não só a competência informacional deveria fazer parte do currículo de formação dos universitários, advogam os especialistas⁴, como os profissionais de informação e bibliotecários deveriam ter uma colaboração constante com os professores de forma a complementar e auxiliar no processo educativo. Assim, a implantação de um

⁴ Whitehead & Quinlan (2002).

programa ou projeto de competência informacional na universidade demanda uma complexa concentração de esforços, somada a uma metodologia adequada para sua implementação, que possibilite ainda que a prática da avaliação se institucionalize como guia para aperfeiçoamentos constantes.

Papel de destaque nesse desafio tem o profissional da informação, que fica com a responsabilidade de despertar nos alunos uma visão crítica dos processos informacionais. Barreto (2005) aponta que o próprio profissional deve ser “competente”, tendo a capacidade de usar, acessar, analisar e aplicar a informação disponibilizada nas redes, além de saber acessar as fontes de informação e de empregar significado a elas dentro de seus contextos. A informação disponibilizada não tem valor intrínseco se a mesma não estiver despertando em quem a utiliza grau de competência no assunto.

Isso porque o conceito e prática de competência informacional no Brasil sempre estiveram associados ao treinamento para uso eficaz e efetivo de fontes de informação. É, portanto, um conceito nascido e tecido no âmbito das bibliotecas e serviços de informação.

Estudos publicados na literatura brasileira comprovam que os programas para treinamento de estudantes dentro das bibliotecas universitárias obtiveram resultados relevantes. Na Universidade de São Paulo, Cuenca (1999) em seu estudo “*O usuário final na busca informatizada*” avaliou os resultados da capacitação de usuários em buscas informatizadas, no âmbito do programa educativo da biblioteca do Centro de Recuperação da Informação (CRI) da Faculdade de Saúde Pública. Segundo a autora, os resultados foram bastante significativos: mais de 50% dos estudantes conseguiram realizar, com sucesso, buscas no Medline e Lilacs⁵. Os que solicitaram auxílio do bibliotecário o fizeram por motivos como: pouca familiaridade com as bases, dificuldade em lidar com a tecnologia, confiança na busca realizada pelo bibliotecário, e falta de tempo para as buscas. Para a realização da pesquisa, a autora desenvolveu um questionário de avaliação do serviço. (ver Anexo I).

⁵ Bases de dados em Ciências da Saúde Cooperativas do Sistema BIREME: LILACS - Literatura Latino-Americana e do Caribe e MEDLINE/Index Medicus.

Na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) os bibliotecários atuam como facilitadores, trazendo uma proposta para o processo de aprendizado dos graduandos e docentes. No curso de extensão e iniciação científica para Empresa Junior do Instituto de Matemática e Estatística, os estudantes são incentivados a autodesenvolverem em termos de busca, avaliação e emprego de recursos informacionais, construindo seu conhecimento em torno da comunicação científica e da compreensão dos princípios básicos que a regem. A proposta prevê a parceria entre docentes, discentes e bibliotecários. Na área Biomédica e Jurídica, os bibliotecários fazem um trabalho semelhante ao da Faculdade de Saúde Pública da USP, empregando noções instrucionais para o acesso a bases de dados *on* e *off line* para docentes e discentes de pós-graduação. (FONSECA *et al.*, 2006).

Na Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), no Curso de Pós-Graduação em Alimentos e Nutrição, o uso da biblioteca faz parte do “roteiro de pesquisa” na avaliação dos trabalhos ministrados. Os pós-graduandos recebem como tarefa o desenvolvimento de um tema para o qual terão que realizar pesquisas bibliográficas, seguidas de seminário em sala de aula (COITO e PARDINI, 2006). Na mesma universidade, no Curso de Especialização em Homeopatia o bibliotecário ministra aula teórica sobre Metodologia da Pesquisa Bibliográfica, Acesso as Fontes de Informação impressas e no formato eletrônico, além de Normalização da Monografia de Conclusão de Curso. Essa orientação está construída dentro da disciplina de Metodologia da Pesquisa Científica aplicada a Homeopatia.

Na UNESP essa perspectiva de competência informacional envolve ainda os Cursos de Pós-graduação (Mestrado e Doutorado) dos Departamentos de Alimentos e Nutrição e a Graduação (3º ano) do Departamento de Fármacos e Medicamentos.

O Centro Universitário do Norte Paulista (UNORP) foi além das expectativas de interação entre biblioteca e corpo docente, implantou o projeto *Bibliocapacitação* visando também à formação, qualificação, valorização e capacitação profissional da equipe de auxiliares da biblioteca, baseado nas deficiências detectadas no atendimento ao usuário. (ROCHA, 2006).

Muitas iniciativas foram documentadas em todo o mundo, com esforços particularmente fortes na América do Norte, Austrália, África do Sul e Norte da Europa. De comum entre eles, o nascimento da iniciativa se deve a educadores, que procuram estimular professores, bibliotecários e outros profissionais a desenvolver estratégias que busquem integrar a competência informacional nos currículos da graduação e da pós-graduação, visando conseguir resultados de aprendizagem mais relevantes e duradouros. Outro ponto em comum entre as iniciativas internacionais é a ligação educação-uso das tecnologias-desenvolvimento econômico. Para os países em desenvolvimento, é uma luta contra a exclusão digital, para os países desenvolvidos, é uma luta para manutenção da competitividade.

Na Universidade da África do Sul (UNISA), desde 1997, investe-se em um curso integrado de competência informacional e graduação em Química, utilizando métodos de educação à distância, treinamento e avaliação com métodos inovadores. Ainda que o programa não tenha se mostrado muito sustentável, é reconhecido o sucesso na ênfase “educar para a vida”. Houve concordância entre bibliotecários e acadêmicos sobre a importância da integração da competência informacional nos currículos das universidades. (RADER, [200?]).

Na China desde os meados de 1980 o governo incentiva o ensino, na biblioteca, de habilidades em competência informacional nas instituições acadêmicas, embora não de forma integrada aos currículos. Em 2002 mais de 170 bibliotecários chineses participaram de uma conferência nacional sobre competência informacional, preocupados com os avanços das novas tecnologias da informação. (RADER, [200?]).

Na Europa de 1994 a 1997 a União Européia financiou o projeto EDUCAR (Cursos em Acesso à Informação através da Comunicação Tecnológica para usuários finais) que envolve universidades da Irlanda, Suécia, França, Espanha e Reino Unido. As colaborações vindas da Europa resultaram em dois programas para ensinar a competência informacional em sete áreas (arquitetura, química, ciência da energia, eletricidade, engenharia eletrônica, medicina e física ambiental). Os programas são usados com suporte da internet, em cursos de educação à distância, desde o ensino médio até a pós-graduação. (RADER, [200?]).

O que essas experiências mostram é um crescente reconhecimento da importância dos programas de competência informacional pelas instituições de ensino superior, onde as bibliotecas universitárias têm uma responsabilidade maior. Para Cunha (2000, p. 88):

... no caso da biblioteca universitária, é necessário examinar as enormes possibilidades do futuro e entender que o desafio mais crítico será remover os obstáculos que as impedem de responder às necessidades de uma clientela em mudança, transformar os processos e estruturas administrativas que caducaram e questionar premissas existentes. Aquela biblioteca que der um passo nesse processo de mudança irá renascer...

A UniverCidade, instituição de ensino superior privado, situada no estado do Rio de Janeiro, com mais de 30 anos a serviço da educação. É o maior Centro Universitário do Brasil e a sexta maior instituição universitária do País. Desde a sua fundação, a UniverCidade atende, da melhor forma possível, às necessidades educacionais das comunidades nas quais está inserida. Seu propósito é expandir sua autonomia e constituir-se numa instituição pioneira, qualitativamente avançada e fortemente comprometida com a excelência do ensino.

A UniverCidade tem como missão:

...Educar com qualidade de excelência, para formar uma elite de profissionais que participarão da transformação do Brasil em país rico, democrático e alinhado as nações livres do primeiro mundo, levando esse tipo de ensino aos quatro cantos da cidade por preço ao alcance das possibilidades de alunos de todas as camadas sociais.⁶

A UniverCidade oferece cursos de graduação nas seguintes áreas: Ciência da Computação; Sistema da Informação; Engenharia de Produção; Tecnologia em informática; Ciências Jurídicas; Comunicação e Artes; Educação e Meio Ambiente; Negócios; Saúde e do Desporto; Licenciatura em Computação; Engenharia de Telecomunicações; Tecnologia em redes de computadores, além de Cursos de Extensão e Pós-graduação, distribuídos em Unidades: Ipanema, Lagoa, Méier, Arquias Cordeiro I, Dias da Cruz II, Madureira,

⁶Extraído do *site* da UniverCidade (www.univercidade.br).

Recreio, Taquara, Praça Seca, Freguesia, Centro, Centro-Sete de Setembro, Mêtro-Carioca, Mêtro-Praça Onze, Bonsucesso I, Bonsucesso II, Ilha, Bangu, Campo Grande, Santa Cruz, Mangueira e Rio das Pedras.

As vinte e duas bibliotecas (situadas nas Unidades acima citadas), juntamente com a Direção Geral de Bibliotecas, formam o Sistema de Bibliotecas da UniverCidade, que tem como objetivo principal assegurar infra-estrutura de informação aos programas de ensino, pesquisa e extensão.

As bibliotecas, de forma igualitária, oferecem vários serviços, entre eles o Treinamento de usuários, desenvolvido junto aos alunos calouros durante as disciplinas introdutórias dos Cursos. O Programa de Treinamento de Usuário visa introduzir o aluno na utilização da “ferramenta” Biblioteca. A intenção é estreitar a ligação entre a “sala de aula” e a “biblioteca”, a qual funciona como forte componente de sedimentação pedagógica. São abordados temas como: conduta no recinto da biblioteca, o bom manuseio das obras que compõem o acervo, noções de documentação (periódicos, monografias, obras de referência, obras em suporte eletrônico e digital, etc), normalização de trabalhos conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT, consulta ao catálogo eletrônico, Internet, bases de dados de periódicos eletrônicos. É realizado no início de cada semestre letivo e toma aproximadamente sessenta minutos das disciplinas introdutórias.

Essa atividade serviu de semente para um passo mais audacioso, que procurou uma resposta para as dificuldades apresentadas pelos universitários, já no período de realizar o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, em utilizar os recursos da *web* para o levantamento de pesquisas científicas. O entendimento, à época, era que se fazia necessário adequar os serviços da biblioteca para atender essa demanda. Em meados de 2003, a biblioteca da UniverCidade – Unidade Metro Praça Onze, introduziu uma atividade que tinha como principal finalidade capacitar os alunos na identificação, localização e recuperação de informações fidedignas que dessem apoio à demanda de conteúdo para fundamentar seus trabalhos acadêmicos.

Os alunos tinham (e ainda têm) limitações na busca de fontes seguras de pesquisa, em perceber o que é científico do que não é, em consultar as bases de dados da área de saúde,

e em utilizar os descritores e vocabulário controlado como fonte de pesquisa. A partir desta observação surgiu a preocupação em oferecer a estes alunos uma capacitação inicial introduzindo-os na pesquisa de portais e bases de dados da área de saúde como: BIREME, SCIELO, LILACS, MEDLINE, PUBMED e CAPES, este último com certa restrição, visto que a instituição não tem acesso a todo conteúdo disponível.

A atividade, em curso desde 2003, vem sendo feita com estudantes do Curso de Fisioterapia e, como já mencionado, aqueles cursando a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC I e TCC II), requisito fundamental para obtenção de grau de fisioterapeuta. Constatou-se que os problemas iam além do acesso às fontes de pesquisa, questões como formatação e normalização e produção de textos também eram fonte de dúvida e causavam profunda inquietação. Em média, cada turma conta com um número de 30 estudantes.

Assim, no início de cada semestre os alunos de TCC I e TCC II vão à biblioteca e recebem orientações da bibliotecária de como identificar informações científicas na área de saúde, pesquisar nas bases de dados, portais, instituições de pesquisa e universidades. Para esta atividade o professor reserva dois tempos de sua aula (aproximadamente 1h.30min.). Na biblioteca, um terminal com acesso à rede mundial de computadores é utilizado para fornecer as instruções aos alunos. O que tem sido observado é que os alunos que estão mais familiarizados com os recursos tecnológicos apresentam menos dificuldades em operacionalizar as informações, mas sempre retornam com dúvidas. Os que não tem familiaridade com a *web* se assustam com o volume de informações, e procuram ajuda da bibliotecária para que possam fazer as pesquisas.

Toda essa experiência vem sendo conduzida de maneira informal, sem registros criteriosos, sem um planejamento sistematizado, na ausência de mecanismos de acompanhamento e avaliação, e com total desconhecimento do perfil dos alunos de fisioterapia. Uma vez que existe a percepção clara de que impactos positivos estão sendo gerados, e que se sabe do muito que pode ser aprimorado no sentido de avançar de treinamento de usuário para formação de competência, é de fundamental importância repensar e traduzir essa experiência como atividade de pesquisa, com vistas a uma proposta de institucionalização de um programa de competência informacional na Universidade.

Nesse sentido, o presente projeto de pesquisa tem como finalidade propor uma metodologia de trabalho que possa introduzir, de forma paulatina, um programa de competência informacional na instituição, usando as experiências vivenciadas na literatura nacional e internacional, procurando ir além das instruções de uso da informação, com ênfase no aprendizado contínuo.

5. METODOLOGIA – UM LONGO CAMINHO DE PESQUISA

Desenvolver e implantar um Programa de Competência Informacional é uma atividade de grande complexidade, não só pelos atores envolvidos (tomadores de decisão, gestores, professores, alunos, profissionais de informação), mas, principalmente, pela necessidade de adequar uma estratégia (e seu respectivo conteúdo programático) com o perfil dos estudantes, à luz de uma meta muito clara, do ponto onde se espera chegar. Daí que a pergunta mais importante a responder, inicialmente, é: o que se espera estimular nos estudantes? Qual comportamento, frente à informação, se espera que eles desenvolvam? Quais são os fatores externos que podem influenciar (estimular ou desestimular) o manejo e interação dos alunos no mundo da informação?

Da revisão sumária da literatura apresentada anteriormente, fica claro que existem pelo menos dois objetivos em mente quando se implantam programas de competência informacional: inclusão social pela via digital, dentro de uma perspectiva econômica, que coloca a ênfase no uso das tecnologias; e emancipação, dentro de uma perspectiva de estimular no aluno o aprender a pensar, aprender a aprender. Se, no primeiro caso, o estudante estaria mais familiarizado com o uso de fontes de informação disponíveis na Internet, no segundo, ele seria estimulado a pensar, inicialmente, no “*mundo da informação científica*”, que ainda existem “dois mundos”, o do papel e o digital, nas vantagens e desvantagens de usar um ou outro, em função do problema a ser resolvido, dos recursos disponíveis, da facilidade de acesso às fontes, e de suas próprias habilidades.

Dificuldades adicionais são colocadas quando se sabe ser necessário levar em conta o perfil dos alunos, a familiaridade prévia com informática e com Internet, as expectativas que possuem em relação à profissão, dentre outros fatores. Questões sensíveis aparecem quando se sabe, também, que podem existir choques de visão entre o que os professores discutem em sala de aula e o que poderia ser apresentado em um programa de competência informacional. Decorre daí a fundamental participação do corpo docente em um programa dessa natureza. Outras questões conceituais importantes apontam para o fato que grande parte das experiências de ações de competência informacional relatadas estão sendo conduzidas na pós-graduação, o que indica que os alunos estão mais envolvidos no

ambiente da pesquisa e que dispõem de mais tempo para se dedicar ao mundo da informação.

Todas essas questões, que não esgotam o tema, apontam para a necessidade de se pensar competência informacional como um programa de médio-longo prazo, composto de várias etapas, que se vai construindo e solidificando aos poucos, à medida que resultados positivos e acertos vão aparecendo, o que deve criar um ambiente institucional mais propício para abraçar o desafio. Também é necessário levar em conta que já existe uma atividade em andamento na biblioteca orientada para os estudantes de TCC, a cada início de ano, e que ela não deve sofrer descontinuidade.

Nesse sentido, a metodologia aqui apresentada procurará seguir duas linhas: uma de intervenção, que visa incluir aprimoramentos na estratégia atual do programa instrucional em curso; e outra de caráter investigativo e analítico, que visa construir um programa mais ambicioso de competência informacional.

Ação de intervenção:

Nessa etapa, será feito um programa de atividades para “explorar o mundo da informação científica” e que deverá nortear a orientação dos alunos das disciplinas TCC1 e TCC2, em curso. Esse programa representa um aprimoramento daquele anteriormente utilizado, e deverá ainda ser analisado e ajustado frente a outras experiências em curso no Brasil. São atividades complementares, e buscarão propiciar o desenho de uma metodologia inicial de avaliação dos benefícios gerados.

Assim, para os alunos do TCC1, em um total de 3 horas disponíveis, deverá ser cumprido o seguinte conteúdo programático (Quadro 1, a seguir):

QUADRO 1 - Conteúdo Programático para TCC I

UNIDADES	TEMAS
<p>PRÁTICA 1 45 minutos</p>	<p>O MUNDO DA INFORMAÇÃO CIENTÍFICA</p>
	<ul style="list-style-type: none"> • Onde está depositada a informação científica? Bibliotecas, centros culturais, museus, serviços de informação (portais), <i>Internet</i>. • Onde está registrada a informação científica? Periódicos, livros, anais de conferências, protocolos, fotografias, desenhos, dentre outros. • Suportes/mídias: papel, digital, lâminas de diagnóstico, telas • O texto científico: como reconhecer? • A credibilidade da fonte e da autoria – fique ligado!
<p>PRÁTICA 2 45 minutos</p>	<p>A ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO CIENTÍFICA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bibliotecas, bases de dados, bancos de dados, portais, bibliotecas virtuais (<i>Prossiga</i>) • Organizar para recuperar: classificação e indexação • A linguagem para interagir: vocabulário controlado • Conviver com o mundo <i>Internet</i> – várias linguagens
	<p>ONDE ESTÁ A INFORMAÇÃO CIENTÍFICA EM SAÚDE</p>
<p>PRÁTICA 3 45 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Sítios e portais de órgãos públicos (incluindo OMS e OPAS, universidades e centros de pesquisa, Ministério da Saúde) • Portais e bases de dados da área de saúde: BIREME / SCIELO / LILACS / MEDLINE / PUBMED; • .Portal Capes • LIVRE – Portal de periódicos de livre acesso
	<p>ORGANIZE-SE! FICA MAIS FÁCIL ANALISAR E AVALIAR</p>
<p>PRÁTICA 4 45 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Partir do problema para a informação desejada • Da estratégia de busca para a recuperação do documento • Da disponibilidade para a utilidade – comparar é preciso! • Organize suas informações: Fichamento, resumos, registros manuais e automatizados, exercícios de normalização. • De olho na lei! <i>Copyright</i>, direito de propriedade e plágio.

Deverão ser identificados, ou produzidos, pequenos textos técnicos que deverão ser distribuídos aos alunos e que sirvam para fixar os conteúdos discutidos, e auxiliar, como guia, nas buscas de informação.

Para os alunos de TCC2, que já terão passado por esse treinamento-reconhecimento no TCC1, a atividade envolverá a elaboração de um passo-a-passo para localizar e recuperar informação, dentro de uma única temática/assunto do campo da fisioterapia, que deverá ser indicado pelo docente responsável. Aqui, deverá ser trabalhado com os alunos, inicialmente, o entendimento de um “problema” que precisa ser resolvido, e como a natureza do problema é que guia o caminho da busca da informação.

Essa atividade servirá de subsídios para um primeiro exercício de avaliação, cujo instrumento deverá ser uma adaptação daqueles desenvolvidos na USP e UERJ, e que se encontram nos Anexos 1 e 2.

Ação de pesquisa:

Paralelamente ao desenvolvimento da ação de intervenção, descrita acima, dar-se-á início a uma pesquisa sistemática sobre programas de competência informacional desenvolvidos no mundo, especialmente dirigidos para a graduação.

a) busca retrospectiva na literatura especializada para identificar os modelos e metodologias já consagradas, em âmbito internacional, sobre implantação de programas de CI em bibliotecas universitárias, e direcionados especificamente para a graduação. Tais experiências deverão ser contextualizadas e repensadas para o ambiente universitário no Brasil, e mais diretamente, para a universidade em questão e para os alunos de fisioterapia.

b) na segunda etapa, serão ouvidos os alunos de TCC, e tem como objetivo traçar um perfil dos mesmos. Através de um questionário semi-estruturado, esse evento, proposto dentro da sistemática metodológica de grupo focal, deverá identificar a percepção e expectativas dos alunos diante das necessidades de informação para desenvolver o trabalho final. Quais seus hábitos de busca de informação ao longo do curso? Como e quando a biblioteca surge como espaço e recurso importante? O que eles gostariam de conhecer?

c) Os resultados das etapas a e b deverão orientar uma primeira revisão do programa em curso (apresentado na Ação de intervenção). Esse instrumento será levado à discussão com o corpo docente e a Direção do Sistema de Bibliotecas. O que se busca com essa etapa é o envolvimento dos docentes com o projeto, despertando o interesse de desenvolver um trabalho conjunto. De forma clara, os professores podem auxiliar de forma significativa, por exemplo, apontando para novas fontes de informação que deveriam ser exploradas com os alunos, e também e necessariamente, proporcionando mais horas de dedicação ao programa. Essa etapa deverá, ainda, fornecer subsídios para o refinamento do desenho do programa.

6. RESULTADOS ESPERADOS

São dois os resultados esperados:

a) Da Ação de intervenção: Programa de Orientação para Informação Científica em Saúde formalizado, juntamente com modelo de avaliação dos resultados do mesmo.

b) Da Ação de pesquisa: Relatório analítico sobre experiências de programas de competência informacional para graduação desenvolvidos em âmbito internacional, juntamente com proposta para implantação na Univercidade.

7. CRONOGRAMA:

Dado que duas ações concomitantes ocorrem, o cronograma se constitui em Ação de Intervenção e Ação de Pesquisa.

AÇÃO DE INTERVENÇÃO

ATIVIDADES	BIMESTRE					
	1	2	3	4	5	6
1 – Sistematizar o programa de orientação						
2 – Orientar TCCI						
3 – Orientar TCCII						
4 – Desenvolver metodologia de avaliação						
5 – Aplicação do piloto de avaliação						

AÇÃO DE PESQUISA

ATIVIDADES	BIMESTRE					
	1	2	3	4	5	6
1 – Revisão bibliográfica						
2 – Análise documental						
3 – Estudo de usuários						
4 – Relatório						
5 – Apresentação a DGB*						

* DGB – Direção Geral de Bibliotecas

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION – ALA. Presidential Committee on Information Literacy. **Final Report**. Chicago. 1989. Disponível em: <<http://www.ala.org/acrl/nili/ilist.html>> Acesso em: 10 nov. 2006.

BARRETO, A. M. O fator humano e o desenvolvimento de competências nas Unidades de Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.10,n.2, p.166-177, jul./dez.2005.

CAMPELLO, B. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.32, n.3, p.28-37, set./dez. 2003.

_____, B; ABREU, V. L. F. G. Competência informacional e formação do bibliotecário. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.10, n.2, p.178-193, jul./dez. 2005.

CASTRO, C. M. **Crônicas de uma educação vacilante**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. 315p. (Hiperestudos).

CHAUÍ, M. S. **Escritos sobre a Universidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

COITO, M. I. ; PARDINI, M. A. **Gestão da informação e competências profissionais na formação de usuários**. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS (14., Salvador, BA, 2006), Salvador, BA, 2006.

CUENCA, A M. B. O usuário final da busca informatizada: avaliação da capacitação no acesso a bases de dados em biblioteca acadêmica. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.28, n.3, p.293-301, set./dez. 1999.

CUNHA, M. B. Construindo o futuro: a biblioteca universitária brasileira em 2010. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.29, n.1, p.71-89, jan./abr. 2000.

DEMO, P. **Pesquisa princípio científico e educativo**. 11.ed. São Paulo: Cortez, 2005. (Biblioteca da educação. Série1. Escola; v.14)

_____. **Desafios da Universidade**. In: _____. Desafios modernos da educação. 13.ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p.127-201.

DIB, S. F. ; SILVA, N. C. Unidade de negócio em informação – UNIF: o futuro das bibliotecas universitárias na sociedade do conhecimento. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.11, n.1, p.20-31, jan./abr. 2006.

DOYLE, C. Information literacy: status report from the United States. In: D. Booker (ed.). **Learning for life: information literacy and the autonomous learner**. Adelaide: University of South Australia, 1996.

DUDZIAK, E. A. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.32, n.1, p.23-35, jan./abr. 2003.

FONSECA, *et al.* Competência na busca e no uso da informação: uma experiência na UERJ. In.: **SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS** (14, Salvador, BA, 2006), Salvador, BA, 2006.

FREIRE, I. M. Barreiras na comunicação da informação. In: STAREC, Cláudio; GOMES, Elisabeth Braz Pereira; CHAVES, Jorge Bezerra Lopes (org.). **Gestão estratégica da informação e inteligência competitiva**. São Paulo: Saraiva, 2005. p.33-46.

FUJITA, M. S. L. ; RUBI, M. P. O ensino de procedimentos de política de indexação na perspectiva do conhecimento organizacional: uma proposta de programa para a educação à distância do bibliotecário. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.11, n.1, p.48-66, jan./abr. 2006.

GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação. **Perspectiva em Ciência da Informação**, São Paulo, v. 14, n. 2, 2000. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9782.pdf> >. Acesso em: 05 out. 2006.

KUHLTHAN, C. C. Information search process: a summary of research and implications for school library media programs. **School Library Media Quarterly**, v.18, n.1, 1989.

LIBÂNEO, J. C. ; PIMENTA, S. G. Formação de profissionais da Educação: visão crítica e perspectiva de mudança. **Educação & Sociedade**, São Paulo, ano: 20, n.68, p.239-277, dez. 1999.

MIRANDA, S. V. Identificando competências informacionais. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.33, n.2, p.112-122, maio/ago. 2004.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 128p.

PACHANE, G. G. **A universidade vivida**: a experiência universitária e sua contribuição ao desenvolvimento pessoal a partir da percepção do aluno. Campinas, SP, 1998. 196f. Dissertação (Mestrado em Educação na Área de Administração e Supervisão Educacional) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

PINHEIRO, L. V. R. Inteligência competitiva como disciplina da ciência da informação e sua trajetória e evolução no Brasil. In: STAREC, Cláudio; GOMES, Elisabeth Braz Pereira; CHAVES, Jorge Bezerra Lopes (org.). **Gestão estratégica da informação e inteligência competitiva**. São Paulo: Saraiva, 2005. p.33-46.

RADER, H. B. **Information literacy: an emerging global priority**. In: White paper prepared for Unesco, U.S. National Commission on Libraries and Information Science and the National Forum on Information Literacy, Louisville, KY: University of Louisville, [200-?]. Disponível em: <http://www.nclis.gov/libinter/infolitconf&meet/papers/rader-fullpaper.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2006.

ROCHA, M. Q. **Projeto Bibliocapacitação**: a biblioteca universitária e a produção acadêmica. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS (14., Salvador, BA, 2006), Salvador, BA, 2006.

SOUZA, A. M. e (org.). **Dimensões da avaliação educacional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

TARAPANOFF, K. ; ARAÚJO JUNIOR, R. H. ; CORNIER, P. M. J. Sociedade da informação e inteligência em unidades de informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.29, n.3, p.91-100, set./dez. 2000.

UNIVERCIDADE: obsessão pela qualidade. Disponível em: <<http://www.univercidade.br>>. Acesso em: 27 out. 2006.

ZARIFIAN, P. **Objetivo competência**: por uma nova lógica. Tradução Maria Helena C. V. Trylinsk. São Paulo: Atlas, 2001. 197p.

WHITEHEAD, M. J. ; QUINLAN, C. A. **Canada: an information literacy case study**. In: White paper prepared for Unesco, U.S. National Commission on Libraries and Information Science and the National Forum on Information Literacy, Canada: University of British Columbia Library, 2002. Disponível em: <http://www.nclis.gov/libinter/infolitconf&meet/papers/quinlan-fullpaper.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2006.

ANEXO I

QUESTIONÁRIO PARA OS USUÁRIOS PARTICIPANTES DO CURSO MEDLINE/LILACS DA BIBLIOTECA DA FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA /USP.

25. Após sua participação no curso MEDLINE/LILACS, você executou buscas nas bases da Biblioteca, ou seja, realizou qualquer forma de busca você mesmo, ou via bibliotecário (inclusive pelo DSI)?

- SIM
- NÃO

26. Em caso NEGATIVO, qual o motivo?
(Caso precise assinalar mais de um item)

- Não tive necessidade de fazer busca nesse tempo após o curso.
- Não consegui acesso aos computadores da biblioteca (sala fechada, rede fora do ar, falta de bibliotecário, etc.).
- As informações recebidas no curso não foram suficientes para que eu mesmo pudesse executar a busca.
- Não me senti suficientemente familiarizado com o vocabulário especializado.
- Não encontrei facilidade para usar o serviço de levantamentos bibliográficos da biblioteca.
- Não encontrei bibliotecário disponível para orientar minha pesquisa.
- Prefiro fazer minha pesquisa em bibliografias impressas.
- As bases disponíveis na rede não contemplam meu assunto.
- Não dispunha de computador para verificar o resultado fora da biblioteca.
- Outro: _____.

27. Em caso de POSITIVO, você realizou as buscas bibliográficas:

- A- com autonomia, sem que o bibliotecário fizesse por você
- B- somente por intermédio do bibliotecário
- C- de ambas as formas, com autonomia e também via bibliotecário

Se você assinalou o item A responda as questões 28 até 47 exceto 45

Se você assinalou o item B responda as questões 45 a 47

Se você assinalou o item C responda as questões 28 até 47

28. Qual o principal motivo que o leva a realizar, você mesmo, sua busca bibliográfica?

- Rapidez
- Autonomia
- Segurança

29. Se você respondeu *rapidez*, assinalar o item mais pertinente:

- Fica mais rápido conseguir o que preciso
- O serviço de levantamento está sempre sobrecarregado
- O serviço de levantamento não entrega o resultado na hora
- Todos

30. Se você respondeu *autonomia*, assinale o item mais pertinente:

- () Uso as bases quando quero
- () Altero minha estratégia de busca quando necessário
- () Gosto de ter *autonomia* no acesso a informação
- () Todos

31. Se você respondeu *segurança*, assinale o item mais pertinente:

- () Confio mais na minha busca
- () Fico conhecendo melhor o universo da literatura na minha área
- () Mantenho familiaridade com o acesso às bases
- () Todos

32. Você prepara sua estratégia de busca antes de começar a pesquisa?

- () Nunca preparei
- () Às vezes
- () Faço sempre
- () Resolvo na hora da busca

Todo sistema de informações possui seu vocabulário especializado próprio, o chamado *vocabulário controlado*, que nas bases de dados MEDLINE e LILACS correspondem, respectivamente, aos descritores do MESH (Medical Subjects Headings) e do DeCS (Descritores em Ciências da Saúde).

33. Na sua opinião o vocabulário especializado para a base MEDLINE:

- () Facilita a sua busca bibliográfica
- () É dispensável para o resultado final da busca
- () É indispensável para o resultado final da busca
- () Seria mais útil se fosse em português
- () Não tenho opinião a respeito

34. E para o uso da base LILACS, o vocabulário DeCS:

- () Facilita a busca bibliográfica
- () É dispensável para o usuário final da busca
- () É indispensável para o usuário final da busca
- () É útil por ser em português
- () Não tenho opinião a respeito

Há na literatura da área da ciência da informação, tendência no uso da chamada *linguagem natural de recuperação da informação*, que seria busca realizada por termo livre (sem o uso dos descritores).

35. Na sua opinião a busca por *termo livre*:

- () Permite chegar ao mesmo resultado que a feita com os descritores
- () Dependendo do assunto é mais fácil
- () É mais fácil sempre
- () O deixa mais seguro
- () Usando o termo livre consegue chegar ao descritor que precisa
- () Não tem opinião

() Outro: _____.

36. Ao fazer *you mesmo* sua busca, precisou de *ajuda do bibliotecário* em alguma situação?

- () SIM
- () NÃO

37. Em caso de POSITIVO, em qual dos itens abaixo?

- () Na gravação dos resultados
- () Na seleção da base adequada
- () No esclarecimento da estratégia de busca
- () Na compreensão dos campos das bases de dados
- () No uso do vocabulário específico de cada base
- () Outro: _____.

38. Quanto à relevância dos resultados das buscas que executa, você *geralmente* as considera:

- () Muito relevantes – 100% - 90% do que recupera é pertinente ao assunto
- () Relevância entre 90% - 70%
- () Relevância entre 70% - 50%
- () Abaixo de 50% - Comente: _____.

39. O fato de haver restrição quanto a gratuidade na recuperação das citações (200 em disquete ou 30 em papel) dificulta o uso das bases?

- () SIM
- () NÃO
- () Indiferente

40. Caso POSITIVO, que critério você considera mais adequado?

- () Número ilimitado de citações recuperadas para todos os usuários
- () Número ilimitado de citações recuperadas somente para categoria de docentes
- () Número ilimitado de citações recuperadas para as categorias alunos e docentes da FSP
- () Outro. Especifique: _____.

41. O fato de precisar de um funcionário para verificar o seu disquete, entrar na rede ou anotar o seu assunto e citações recuperadas dificulta sua ida as bases de dados?

- () SIM
 - () NÃO
- Comente: _____.

42. A localização dos terminais disponíveis para o seu uso na biblioteca está adequada?
(Assinale mais de um item caso precise)

- () SIM
- () NÃO

43. Caso NEGATIVO, assinale o motivo:

- () Sou interrompido por colegas/funcionários
- () Não há silêncio suficiente para minha concentração

- Não há privacidade
- Não há espaço para anotações ao lado dos terminais

- Todos
- Outro. Comente: _____.

44. Na obtenção do resultado da busca, o que considera mais adequado?

- Verificar o resultado na própria tela
- Imprimir o resultado na hora
- Gravar em disquete
- Enviar via Internet

45. Qual o motivo que o levou a solicitar a busca bibliográfica *via bibliotecário*, após o treinamento?

(Assinale mais de um item caso precise)

- A sala dos terminais não estava disponível (rede fora do ar, sala fechada, sem bibliotecário, etc.)
- A base que precisei não estava disponíveis na rede
- O período de busca que precisei não estava disponível na rede
- Confio mais na busca feita pelo bibliotecário
- Não tenho tempo suficiente pra fazer busca
- Não tenho familiaridade com as bases por isso demoro a executá-la
- Tenho dificuldade em lidar com essas tecnologias
- Outro: _____.

<p>Fonte: CUENCA, Ângela Maria Belloni. O usuário final da busca informatizada: avaliação da capacitação no acesso a bases de dados em biblioteca acadêmica. Ciência da Informação, Brasília, DF, v.28, n.3, p.293-301, set./dez. 1999. (questionário adaptado para este projeto).</p>

ANEXO II

AVALIAÇÃO

PADRÃO 01		Quanto a natureza e a extensão da NI
Indicadores de Desempenho		Resultados desejáveis
Define e reconhece a NI		Identifica conceitos, palavras-chave e a NI
Identifica tipos e formatos de FI		Reconhece o valor e diferentes potencias dos tipos de FI
PADRÃO 2		Quanto à efetividade da busca e acesso à informação
		Resultados desejáveis
Indicadores de Desempenho	Seleciona métodos e SRI de acordo com NI	Reconhece as potencialidade de SRI tradicionais, e das fontes eletrônicas
		Solicita ajuda para pesquisar em diferentes instrumentos informacionais.
	Constrói e implementa EB.	Desenvolve um roteiro de busca.
		Identifica palavras-chaves, frases, sinônimos e termos relacionados com a NI.
	Utiliza fontes eletrônicas, pessoais e uma variedade de métodos.	Usa FI impressas e eletrônicas.
		Distingue, pelas citações os tipos de documentos.
		Recupera a informação necessária através de serviços on-line ou pessoas especializadas.
	Retrabalha e melhora a EB, se necessário.	Consegue localizar as FI
	Extraí, registra e gerencia a informação e suas fontes.	Avalia resultados e determina alternativas de recuperação e metodologias.
		Registra as informações necessárias para referência bibliográfica
		Compreende como organizar e tratar a informação obtida
PADRÃO 3		Quanto à avaliação da informação e suas fontes
Indicadores de Desempenho		Resultados desejáveis
Compreende a informação		Seleciona o que é relevante
Articula e aplica critérios de avaliação	Examina e compara a informação obtida de várias fontes.	
	Sabe informa-se sobre a autoridade e qualificação de autores e/ou editores	
	Interpreta referências bibliográficas para acessar informação precisa e válida	
PADRÃO 4		Quanto ao uso efetivo da informação

Indicadores de Desempenho	Resultados desejáveis
Comunica os resultados com efetividade	Utiliza as normas de documentação, o formato e estilo da comunicação científica.

Legenda: NI = Necessidade de informação; FI = fontes de informação; EB = estratégia de busca; SRI = Serviços de Recuperação de Informação

Fonte: FONSECA, *et al.* Competência na busca e no uso da informação: uma experiência na UERJ. In.: **SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS** (14, Salvador, BA, 2006), Salvador, BA, 2006.